

Capoeira

uma herança cultural
afro-brasileira

Elisabeth Vidor
Leticia Vidor de Sousa Reis



CAPOEIRA

Uma herança cultural afro-brasileira

Copyright © 2013 by Elisabeth Vidor e Leticia Vidor de Sousa Reis

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Editora assistente: **Salete Del Guerra**

Capa: **Alberto Mateus**

Imagem de capa: **Palê Zuppani/Pulsar Imagens**

Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Selo Negro

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.selonegro.com.br>

e-mail: selonegro@selonegro.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3873-7085

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

S U M Á R I O

Prefácio **9**

CAPÍTULO 1 • Capoeira: “doença moral” e “gymnastica nacional” **15**

Introdução **17**

O mundo da capoeira carioca no século 19 **19**

A repressão **28**

Proclamação da República: por lei, a capoeira se torna crime **31**

A “gymnastica brasileira” **37**

CAPÍTULO 2 • Duas modalidades esportivas de capoeira:
regional e de angola **47**

Introdução **49**

“Bimba é bamba”: a capoeira regional **50**

“Pastinha já foi à África pra mostrar capoeira do Brasil” **58**

CAPÍTULO 3 • O mundo de pernas para o ar **67**

Introdução **69**

A roda de capoeira: um universo simbólico **72**
O privilégio do baixo corporal: a ginga e os pés **81**
Regional e de angola: duas propostas sociais **93**

Glossário **97**

Referências bibliográficas **99**



P R E F Á C I O

O RECONHECIMENTO DA CAPOEIRA no ambiente escolar era, há muito tempo, esperado por todos aqueles que puderam tomar contato direto com essa arte/luta e comprovaram sua relevância na formação do ser humano.

Apresentar esta obra traz-me, portanto, grande alegria e satisfação, ainda mais por ter sido escrita por pessoas que, além do conhecimento científico, também tiveram experiências práticas com o mundo da capoeira.

Essa condição habilita as nossas autoras a ter uma visão objetiva e subjetiva dessa cultura, o que lhes permite reviver traços importantes da história do Brasil, destacando a presença dos negros e suas formas de vida com uma perspicácia e atenção próprias. Elas descrevem os fatos históricos de maneira sutil, o que provoca uma reflexão mais atenta no leitor.

Há muitos anos tenho dito que a capoeira transformou a maneira como olho para as coisas. E, assim, penso que ela também pode transformar a vida das pessoas de modo geral. Costumo di-

zer que aprendi a gingar na vida com as situações que nos chegam, sejam elas agradáveis ou não. A capoeira, a partir do princípio da esquivar e da flexibilidade, permite-nos olhar os desafios de diferentes ângulos e amplia as possibilidades de solução.

O conjunto de saberes expressos na capoeira é enorme, sendo vasto o que essa arte/luta tem feito por milhares de pessoas ao redor do mundo, a começar pelo Brasil. Entre as várias culturas de resistência negra construídas em solo brasileiro, a capoeira é uma das mais significativas, constituída com base em culturas oriundas da África, em especial as de matriz banto.

O Brasil é conhecido em vários países por sua cultura, marcada por traços heterogêneos e multiformes e trazendo a contribuição africana como um dos seus selos de relevância. As Leis Federais n. 10.639/2003 e n. 11.645/2008, que alteram a LDB de 1996, tornam obrigatório o ensino das culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas nas escolas, possibilitando o reconhecimento e a valorização de sua presença no Brasil por meio da educação. Dessa forma, os grupos africanos e nativos do país poderão ter sua contribuição valorizada na formação do povo brasileiro, de preferência da mesma forma que a cultura europeia.

Ao mostrar que a capoeira educa, demonstra-se a sua capacidade, ainda pouco utilizada, de compor a educação formal ministrada nas escolas brasileiras. A capoeira, ao trabalhar com valores humanos, o faz integrando uma série de práticas, entre elas a música, a ginga e a luta. É uma das poucas manifestações culturais-desportivas que agrega tantos elementos.

De prática perseguida tanto na Monarquia quanto no início da República, a capoeira teve a sua trajetória profunden-

te alterada a partir de sua liberação oficial. Dessa maneira, não estava apenas livre para acontecer no Brasil, mas também para conquistar o mundo; e assim o fez.

Hoje, a capoeira está espalhada em mais de 170 países, sendo aclamada em todos os lugares. Por meio dela, se divulgou o idioma falado no Brasil e outras culturas do país, como o maculelê, o samba de roda e a puxada de rede. Por isso, pode-se dizer que os capoeiristas têm atuado como “embaixadores” do Brasil pelo mundo, fato que nos faz lembrar a música *Chuck Berry Fields Forever*, de Gilberto Gil, na qual o compositor baiano demonstrou o alcance da música africana nos seguintes versos: “E assim gerados, a rumba, o mambo, o samba, o rhythm’n’blues/Tornaram-se os ancestrais, os pais do rock and roll”.

A capoeira, assim como a música negra, alterou as estruturas do convencional e estabeleceu uma reinvenção da lógica dada. Ao longo de sua história, ela vem se reestruturando com base em suas heranças mais tradicionais e no diálogo que desenvolve com a atualidade. É tradicional porque guarda em si os valores da ancestralidade e o respeito aos mais velhos, além da oralidade e da transmissão geracional como mais importante forma de continuidade. Mas, acima de tudo, é tradicional porque não está presa a um passado remoto; muito pelo contrário, permanece viva e dinâmica no mundo de hoje.

É válido destacar que uma cultura tradicional não se prende ao passado. Ela o valoriza, mas o faz em tempo presente, ocupando uma espacialidade e uma temporalidade que permitem à tradição estar sempre em comunicação. Para o indivíduo que dela participa, uma ideia de unidade e inteireza o

envolve, e essa condição é permeada no coletivo. Desse modo, aprende-se a ser, mas com o outro – o indivíduo é precioso quando toma consciência de si e do outro.

Os capoeiristas, ao formar a roda, recriam o mundo. Tomam para si, em um espaço simbólico, um tempo coletivo, no qual se redescobre a poética da vida, as suas nuances, os seus momentos de maior e menor agitação. Os capoeiristas jogam, vadiam (como diziam os antigos), mas também brincam, “mandingam”. A luta, dessa maneira, não é agressiva em sua essência, mas nem por isso deixa de ser perigosa e eficaz.

Que luta é essa em que os adversários sorriem e se cumprimentam, estabelecendo entre si um acordo – não dito, mas vivido – em que a ética possibilita à luta virar jogo?

A construção da capoeira retrata, em grande parte, o que o historiador francês Michel de Certeau fez em seu estudo do cotidiano, em que os grupos humanos aparentemente dominados criam e inventam a sua existência diante de uma ordem dada.

A capoeira é inventiva, criativa, como tinha de ser o escravizado diante de um sistema que lhe era imposto e visava retirar-lhe a dignidade. A capoeira transformava o olhar, era o “mundo de pernas para o ar”, nos dizeres de nossas autoras. Era a desconstrução do estabelecido para o estabelecimento também do outro, daquele que deveria estar de fora.

A análise polemológica de Certeau, que consiste na ideia das contraposições que existem na situação de conflito, é eficaz ao traduzir essa construção: trata-se da “luta do fraco contra o forte” – na linguagem da capoeira. É no piscar de olhos do dominador que ela se sobrepõe de um salto e aplica o golpe; é na distração da guarda que a queda se impõe.

O panótico é a ideia de que quem ocupa o poder consegue observar e controlar tudo e todos, um fenômeno estudado pelo filósofo francês Michel Foucault. No entanto, na perspectiva de Certeau, esse olhar distrai-se em algum momento e relaxa; é quando o oprimido estabelece um movimento, uma ação que não mais pode ser pega, denunciada, apreendida. É assim a capoeira: ela coincide de modo surpreendente com a realidade dos povos oprimidos, daqueles tidos como fracos diante daqueles tidos como fortes na estrutura social estabelecida.

O grande mestre Pastinha, da capoeira de angola, dizia que o capoeirista é atento, cuidadoso, manhoso e sagaz. Deve ter habilidades físicas, mas acima de tudo morais para caminhar e saber para onde quer ir.

O saudoso mestre Bimba, fundador da capoeira regional, falava do valor da palavra, em que o que se diz vale, pois ele vivia e praticava aquilo que professava. A mente, a palavra e a ação formam um todo que equilibra e harmoniza o ser humano.

Portanto, o equilíbrio do capoeirista não é apenas físico, mas também psíquico e espiritual. São essas características que o poder institucional não capta – as coisas são o que são, mas o lidar com elas é diferente. O que para uns é o combate franco e direto, para outros é o fluir da água, que sempre alcança o seu destino, por mais que isso demore. A paciência é um dos maiores atributos que a capoeira ensina.

Os espaços são deslocados, o certo fica incerto e o aparentemente fixo é revelado em sua dinâmica. A expressão gingante, que faz fluir os movimentos em um diálogo com o outro, torna a arte-luta uma poética dançada, que exprime a sua magnitude quando a inteireza do ser é buscada. Os corpos gingham,

a mente ginga e o espírito ginga. Esse universo do ser humano, tão mágico, é ainda mais encantado com a música, que se dirige ao corpo e à alma, ao passado e ao futuro – estes, porém, celebrados no presente concreto da ação e da reação.

O passado é “presente” na trajetória do discípulo. O futuro é esperançado no encanto daquele que sonha e, portanto, não desanima, apesar das dificuldades.

Essa construção criativa é constante, se faz no coletivo, porém preservando a individualidade e o modo de ser de cada um. A apropriação dessa estética tem o espaço e o tempo comum como base, mas se estabelece no interior do sujeito em tempo e espaço próprios.

O livro das pesquisadoras Elisabeth Vidor e Letícia Vidor de Sousa Reis nos convida a gingar, a compreender a nossa história, a perceber a nossa sociedade de outro modo, a sair da visão convencional, a deslocar-nos, a conversar com o outro, a ver o outro não como adversário, mas como parceiro de uma jornada.

Esta obra colabora de modo considerável para que não somente os pressupostos da lei sejam atendidos, mas principalmente para nos colocar diante de nós mesmos, a partir de algo concreto de nossa experiência civilizatória e da nossa cultura.

Iê! Viva meu Deus! Iê! Viva meu mestre! Iê! Volta do mundo, camará!

ANTONIO FILOGENIO DE PAULA JUNIOR
Batuqueiro (Batuque de Umbigada – Projeto Casa de Batuqueiro),
capoeirista (Escola de Capoeira Raiz de Angola/Mestre Zequinha),
teólogo, filósofo e mestre em Educação

CAPÍTULO 1

Capoeira: “doença moral” e “gymnastica nacional”

*Olha lá, siri de mangue
Todo tempo não é um
Quero ver se você guenta
Com a presa do guaiamum*

*(Cantiga de capoeira: *Folclore*)*



Introdução¹

SURGIDA PROVAVELMENTE NOS **QUILOMBOS**² brasileiros, quando o Brasil ainda era colônia de Portugal, a capoeira era utilizada como meio de defesa pelos escravos em suas fugas, já que eles não portavam armas. Não há indicações seguras de que a capoeira, da forma como a conhecemos no Brasil, tenha se desenvolvido em qualquer outra parte do mundo.

Não existem ainda pesquisas históricas sobre a capoeira dos séculos 16, 17 e 18 para que se possa reconstruir o processo que levou seu deslocamento do campo para a cidade. As primeiras referências históricas a respeito dos **CAPOEIRAS** urbanos datam do início do século 19.

1. Este livro baseia-se na dissertação de mestrado de Letícia Vidor de Sousa Reis, defendida em 1992 sob a competente orientação da professora doutora Paula Montero, do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

2. O significado desta palavra e de todas apresentadas neste livro com o mesmo estilo está no Glossário do final deste livro. [N. E.]

Embora perseguida durante todo o período da Monarquia (1808-1889), apenas em 1890 foi promulgada uma lei que tornava a prática da capoeira crime, permanecendo assim até a década de 1930, quando finalmente foi liberada, durante o Estado Novo (1937-1945).

Em 1878, por exemplo, o chefe de polícia da cidade do Rio de Janeiro considerava a capoeira uma “doença moral que **PROLIFERA** em nossa civilizada cidade”. No entanto, um pouco mais tarde, no começo do século 20, alguns intelectuais e militares cariocas viam a capoeira como uma “lucta nacional”³ e uma “excellente gymnastica”, que deveria ser ensinada “nos colégios, quartéis e navios” de todo o país.

Quem eram os capoeiras que povoavam as ruas de algumas das principais cidades brasileiras no século 19 – entre elas, Rio de Janeiro, Salvador e Recife – e, pela intensidade da perseguição que sofreram, tanto medo provocavam nas elites brasileiras daquela época?⁴

Os autores que pesquisaram a documentação policial durante o século 19 deram as principais pistas para tornar possível penetrar no mundo da capoeira dessa época, em razão da grande quantidade de decretos e **PORTARIAS** que limitavam sua prática durante o período de 1821 a 1889 (Documentação jurídica, 1988). Nessa época, produziu-se grande número de ocorrências que, embora tenham sido escritas por autoridades policiais e, portanto, apresentassem sua versão dos fatos, acabaram

3. O texto que aparece entre aspas corresponde a palavras extraídas de documentos históricos pesquisados pelas autoras. [N. E.]

4. É importante notar que as informações apresentadas aqui referem-se apenas à cidade do Rio de Janeiro.